

Variáveis complicadas

A (por enquanto) hipotética candidatura de José Sarney à Presidência da República depende de complicadas variáveis: unidade peemedebista, queda de prestígio de Fernando Henrique, instabilidade do real, acordo com Itamar Franco, enfraquecimento da base governista etc. Não é pouca coisa. Pode-se dizer que os condicionamentos vão de Juiz de Fora à Ásia, passando por São Paulo e Maranhão.

A idéia de lançar Sarney candidato não é do PMDB. É de Orestes Quércia, que é dono de um pedaço do partido, mas não do partido. Sensibiliza, neste momento, algumas lideranças peemedebistas, como seu presidente Paes de Andrade, que nutre por Fernando Henrique estima equivalente à de Quércia — e a recíproca, para ambos, é verdadeira.

Sarney está levando a sério a hipótese de sua candidatura. Tem dito que a próxima eleição não terá a polarização simplista, esquerda versus direita, da de 1994. Na do ano que vem, diz Sarney, haverá segundo turno — e é nessa hipótese que joga.

Mesmo que não seja ele o personagem do segundo turno, seus votos serão indispensáveis a Fernando Henrique. Nesse sentido, exibe pesquisa de opinião que o coloca com algo em torno a 30% das preferências, um índice expressivo para quem não havia se lançado candidato a coisa nenhuma. Crê que, com tal margem de apoio, será, no mínimo, um coadjuvante da vitória, o que é bem diferente de ser apenas figurante.

Tudo isso tem fundamento, mas há as tais variáveis. O PMDB está longe de ser uma unidade de propósitos e de idéias. Jamais a expressão partido foi tão adequada. Trata-se de um conglomerado de interesses diversificados, unidos sob a mesma tabuleta.

Rigorosamente é isso. Pode-se argumentar que o mesmo ocorre com os outros partidos, inclusive o PT. É verdade, mas em nenhum as facções internas são tão independentes e alheias entre si quanto no PMDB. Enquanto Ulysses Guimarães viveu, foi uma espécie de elo de ligação entre essas correntes (papel que Lula desempenha hoje no PT). Sem

Ulysses, no entanto, ninguém cumprimenta ninguém.

A candidatura Sarney é, pois, refém desse contexto. E há mais: o temor das classes dominantes, patronas da candidatura de Fernando Henrique, de divisão em suas bases. A hipótese de segundo turno não agrada ao empresariado, que tem como cenário ideal o repeteco da polarização de 1994. Naquela oportunidade, Paulo Maluf cogitou lançar-se candidato à Presidência, jogando também na idéia de um segundo turno.

Foi dissuadido por Antonio Carlos Magalhães, seu ex-arquiinimigo, e manteve-se na Prefeitura de São Paulo. Prevê-se que cobre agora do PFL, na disputa pelo Governo de São Paulo, a contrapartida pelo gesto de disciplina. Mas essa é outra história.

Sarney sabe que a simples discussão de sua candidatura já aumenta o seu cacife pessoal junto ao governo. Sua filha Roseana é candidata à reeleição ao Governo do Maranhão — e ele próprio conclui seu mandato de senador pelo Amapá em janeiro de 1999. Candidato ou não, já está no lucro.